

# Um Desmentido do Marechal

RUBEM BRAGA

**E**M uma entrevista concedida a Heron Domingues em Los Angeles, o marechal Costa e Silva desmentiu que tivesse feito qualquer declaração em Lisboa sobre os territórios africanos. Esclareceu que em sua conversa com Salazar este nem sequer tocou no assunto.

Seria interessante apurar (aqui fica a sugestão para o SNI...) quem foi que mandou de Lisboa para o Brasil, ou inventou aqui, declarações do presidente eleito simpáticas ao colonialismo português. No atual governo sabemos que essas simpatias existem; embora disfarçadas por uma linguagem melíflua, elas são afirmadas por atos concretos, como essa passeata naval a Angola sob protestos dos chefes dos movimentos de libertação e dos governos de toda a África livre.

Fala-se muito de acordos secretos, pelos quais o Brasil teria favores e concessões em Angola e Moçambique. Até hoje o Itamarati não desmentiu esses rumores. Iriamos «tirar uma casquinha» no Império português, como paga de nossa posição colonialista.

Isso é abjeto, mas tem seu lado cômico. Portugal não tem capitais para desenvolver a economia de seus territórios de Ultramar, e em muitos casos é obrigado a fazer concessões às potências endinheiradas, funcionando mais como um feitor que outra coisa. As lutas de libertação obrigaram, é bem verdade, Lisboa a dar mais atenção a esses territórios, e a lhes levar alguns benefícios. O que não lhes cede de maneira alguma é qualquer vislumbre de autonomia; mantém-se intransigente, mesmo tendo a seguir o exemplo, das inteligentes habilidades francesas e principalmente inglesas. É fácil de entender isso, e seria ingênuo esperar um gesto democrático na África de um governo decididamente autocrático na Metrópole. Além disso quando a França, a Inglaterra ou a Bélgica afrouxam os laços políticos até a independência total, elas mantêm na maioria dos casos, o mecanismo do domínio econômico. Libertar, para essas potências, é muitas vezes um ato de sabedoria e também um bom negócio. Isso seria impossível para Portugal, cujo tipo de exploração econômica é o mais antiquado — baseado, por exemplo, na compra do algodão a esses territórios para lhes vender, protegidos por tarifas, os tecidos elaborados na Metrópole.

Ninguém de bom-senso quer ver os territórios portugueses da África mergulhados na anarquia ou dominados pelos comunistas. Estes estão perdendo a parada em todo o Continente Negro; por que iriam ser mais fortes em Angola ou Moçambique? O Brasil tem interesse sentimental e político em ajudar a preservar a influência cultural portuguesa em qualquer parte do mundo. Estaria naturalmente indicado para uma função mediadora, capaz de preparar, de maneira sensata, e pacífica, a inevitável libertação dessas populações.

O que chamei de abjeto é aparecermos, diante desses jovens povos em luta pela Independência, como capangas da Metrópole, já no terreno diplomático, já através de um «show» da Marinha de Guerra — e isso em troca de gorjetas.

Esperemos que o marechal Costa e Silva sinta isso, e que seu desmentido de Los Angeles seja sinal de que pretende examinar o assunto, e não seguir passivamente a estúpida e melancólica orientação dos atuais responsáveis pela nossa política externa.

DN-28.1.67

225